

JORNAL: Correio da Manhã LOCAL: Quorabara

DATA: 09/09/1961 AUTOR: Jayme Maurício

TÍTULO: VI Bienal: previsão dos prêmios

ASSUNTO: Tram na VI Bienal.

correio da manhã 9 setembro 61 2.º Caderno

Itinerário das Artes Plásticas

JAYME MAURÍCIO

VI Bienal: previsão dos prêmios

Com a decisão de adiar somente a solenidade oficial de inauguração desta melanocólica VI Bienal da Renúncia, sem alterar a marcha dos trabalhos do júri de premiação, para os artistas e críticos a mostra vive seus mais excitantes dias — os que antecedem a premiação definitiva. Os prêmios são razoáveis e numerosos, razoáveis no sentido de que muitos artistas estrangeiros vendem seus trabalhos por importância superior. Existem os prêmios oficiais e os outros. Para um artista, e sobretudo para o seu marchand-de-tableaux, um bom prêmio em Veneza ou São Paulo, é qualquer coisa. Além do numerário, há uma tremenda publicidade internacional à espera daquele (ou daquela) que num dos certames internacionais de maior importância foi considerado por um júri internacional muito sizado, the best... le meilleur... il meglio... lo mejor... ou "o maior"...

Os comissários dos diferentes países participantes foram de certa forma distribuídos com hierarquia pelos hotéis, o mesmo ocorrendo com os convidados especiais para o júri ou as figuras de proa do agrado dos figurões do Ibirapuera. Exemplo: o comissário alemão está no Cã d'Ouro e o comissário espanhol no São Paulo; Santomaso, num hotel de luxo e Penalba no São Paulo. Está claro que isso é inevitável, pois não há um hotel de uma só categoria para todo mundo, mas poderia haver, poderia haver...

Podemos desde logo prever alguns dos principais prêmios internacionais, naturalmente com certa margem de equívocos conseqüente das conversações do júri, que pretende somente hoje decidir tudo. O Grande Prêmio será dado ou a Saito (Japão) ou a Bissier (Alemanha). O 1.º Prêmio de Pintura será concedido ou à M. H. Vieira da Silva (França-Portugal) ou a William Scot (Grã-Bretanha) ou a Santomaso (Itália). O 1.º Prêmio de Escultura será concedido à Alicia Penalba (Argentina) ou à Lyn Chadwick (Grã-Bretanha), sendo que Penalba parece ter grande maioria. O 1.º Prêmio de Gravura será, é quase certo, de Kano, do Japão, ou de um gravador iugoslavo, em conseqüência do prêmio a Saito, caso seja concedido, é claro (o jogo de compensações e equilíbrios não permite uma previsão mais aproximada). O 1.º Prêmio de Desenho ficará ou para a Espanha ou para a Iugoslávia ou para a Polónia (não será outorgado ao Brasil, por diversas razões algo complicadas, inclusive a de que o Brasil já tem seus prêmios nacionais...).

Entretanto, o júri poderá se irritar com o Itinerário e mudar tudo, como no verso de Fernando Pessoa, "sigo meus próprios passos e não vou por aí" nunca se sabe como reagem esses senhores que não admitem crítica nem reparos, quanto mais um pouco de humor. Depois, há também Santomaso, que veio em pessoa, embora com dez quadros apenas e com a ausência de Venturi e Argan (Santomaso é o grande trunfo da Itália numa representação um tanto fraca).

No plano nacional, Madre mia, nem é bom falar. Fiel, entretanto, ao nosso bom público, que merece que ignoremos os favoritos, os duques, os barões e as intrigas da corte, falaremos. Desde logo é preciso contar com um grande prêmio para Alfredo Volpi, cuja sala já está pronta, e possivelmente para Milton Dacosta, cuja sala ainda não está pronta. Na pintura, surgem cotadíssimos Antônio Bandeira, Iberê Camargo, Ivan Serpa, malgrado o index concretista, Maria Leontina, Iolanda Mohaly, e muitos outros. Entre os já premiados, Franz Krajcberg, Di Preti, etc. No desenho, as inclinações vão para Darel Valença, Abelardo Zalar, Cencini e uma nova, Cheverini. Na gravura, barbaridade, vai ser duro, sobretudo por não haver um gravador ou conhecedor no júri, mas os favoritos são Rossini Perez, Ana Letícia, Edith Behring, Arthur Luiz Piza, João Luiz Chaves, etc. E por falar em gravura, que prêmio darão, pois

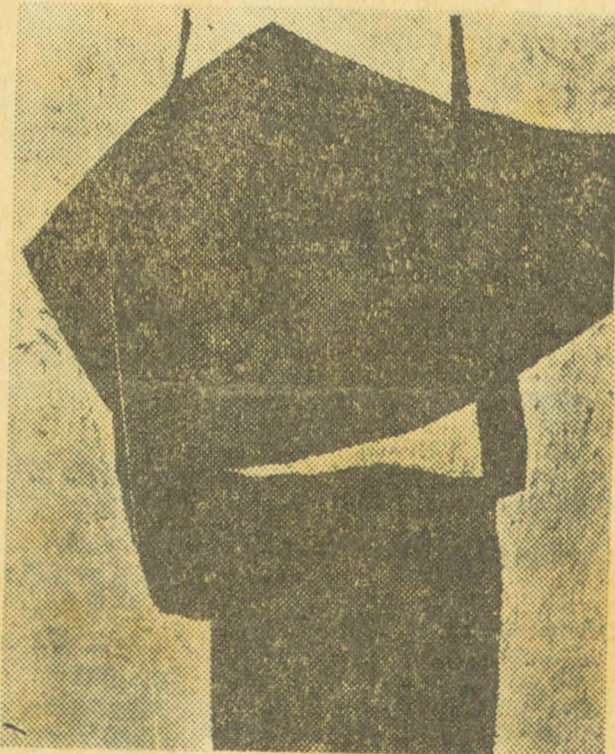
deverão dar, cremos, à Fayga Ostrower? Quanto à escultura, não tenham dúvidas: está entre Mário Cravo Jr. (o grande injustiçado de 59, quando a Bienal permitiu o absurdo de não ser conferido o respectivo prêmio regulamentar), Vangi e Johnson, com os nomes de Felícia Leirner e Lígia Clark, também cogitados, esta contando com o profundo entusiasmo de Pedrosa.

E no meio disso tudo, a expectativa dos senhores do marché d'art mais ostensivos: Bonino, Carvalho, Profilli, etc.

RELAX...

Nestas vésperas de premiação e inauguração da mais importante mostra de arte das Américas, nosso pensamento volta-se irresistivelmente para os artistas. E com inusitada ternura, esquecido de irritações e diferenças na convivência diária. Ninguém de todas as maneiras — e todos certamente negarão — a hora para eles é de penosa expectativa, de irremediável abandono e humildade em face do que está para ser decidido por aqueles onze senhores que vão dizer ao mundo, certa ou erradamente, quais são os melhores, os bons e os razoáveis. Ao léu de tantos fatores desfavoráveis, de tantas circunstâncias, de tantas outras coisas. Os artistas estão sendo julgados sem advogados por onze homens togados em estética. E nem sequer podem ouvir os debates, os prós e contras, a decisão final. Aguardam, angustiados, o que dirão os mais informados, a imprensa. Salvos daquela espécie de Guilhotina usada pelos Marats, Dantons e Robespierres da crítica botocuda na seleção, chegam agora a este novo julgamento que decidirá quais são os dignos de entrar no céu das artes plásticas. E terão de acatar tudo silenciosamente. Sem apelação. Terão de levar para suas casas a depressão, a dúvida, o desalento, e outras emoções naturais na ocasião, mas sem razão de ser, quando vistas com um raciocínio mais lúcido ou malicioso. E' nessa hora que gostaríamos, sem demagogia, de estar junto de cada um e conversar um pouco. Contar coisas que vimos, assistimos, coisas que sabemos de tantos e tantos julgamentos de arte, antiga ou moderna. Dizer da relatividade dos prêmios em arte. E convidá-los a um pouco de paciência com o tempo, na maioria dos casos, o grande revisor de injustiças feitas pela pressa e prepotência dos homens. Estar com todos e cada um, inclusive os coléricos. E depois, quando chegar a tranquilidade própria dos espíritos generosos e agudos que não só equacionam como antecipam as coisas deste mundo, ir ao bar da esquina rir com os pitorescos dos fatos, das pessoas, e ouvir planos para o futuro.

SP: NÓVO PINTOR JAPONÊS



O clichê reproduz uma tela de Kazuo Wakabayashi, um nóvo pintor japonês que veio residir em São Paulo e tem trabalhado um pouco com Manabu Mabe. Natural de Kobe (de onde partem quase todos os imigrantes japoneses), tem apenas 30 anos, mas um bom ciclo cumprido de exposições, estudos e premiações. Pertenceu ao atelier NIKI, expôs em Tóquio, prêmio na exposição de Hyogo, exposição do Grupo Badel, ingressou no Grupo Derka, exposição em Osaka, entre 48 e 53; individual na galeria Saegusa, de Tóquio e outras. Veio este ano para o Brasil, com apresentação de Tsutaka.

Regressou Bruno Giorgi

Procedente de Lima, no Peru, onde 18 dos seus trabalhos estiveram em exposição, durante dez dias, sob os auspícios da Divisão Cultural do Itamarati, regressou ontem ao Rio de Janeiro, pelo jato da Braniff, o escultor patricio Bruno Giorgi.

Le Corbusier no fim do mês

Informa Wladimir Murtinho que a viagem de Le Corbusier ao Brasil foi apenas adiada: virá no fim do mês.